

## SILENCIAMENTOS ROMPIDOS: AS VOZES DE MULHERES NEGRAS SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO CAPILAR

Andresa Fernanda Almeida Flor<sup>1</sup>

Lori Hack de Jesus<sup>2</sup>

### Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo compreender o processo de transição capilar de mulheres negras no município de Juara-MT, as causas e os resultados. A pesquisa de campo se deu através de entrevista com cinco mulheres negras que passam ou passaram pela transição capilar, que aceitaram romper o silêncio a respeito da estética capilar. Nesta perspectiva, elas romperam com o silêncio, ofereceram resistência ao sistema de opressão, buscaram se conhecer, aceitaram o seu jeito de ser e, conseqüentemente, valorizaram o fato de ser negra, o pertencimento racial. Percebemos que estão acontecendo movimentos de mulheres negras, incentivando umas às outras, para que elas sejam aquilo que elas querem ser, sem considerar o padrão de beleza imposto, sem opressão. Destacamos a busca do conhecimento do próprio corpo e do cabelo e a valorização de suas características raciais como forma de superação.

**Palavras-chave:** Mulher Negra; Identidade Negra; Valorização do Cabelo Afro.

### Abstract

This research aimed to understand the process of capillary transition of black women in the municipality of Juara-MT, the causes and the results. The field research was conducted through an interview with five black women who passed or went through the hair transition, who agreed to break the silence about capillary aesthetics. In this perspective, they broke with the silence, offered resistance to the system of oppression, sought to know themselves, accepted their way of being and, consequently, appreciated the fact of being black, racial belonging. We realize that black women's movements are taking place, encouraging each other so that they are what they want to be, without considering the imposed beauty pattern, without oppression. We highlight the search for knowledge of one's own body and hair and the valorization of their racial characteristics as a way of overcoming.

**Keywords:** Black Woman; Black Identity; Appreciation of Afro Hair.

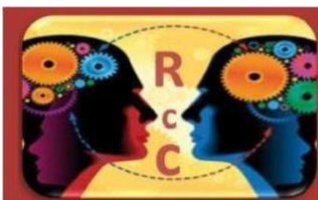
### Resumen

Esta investigación tuvo por objetivo comprender el proceso de transición capilar de mujeres negras en el municipio de Juara-MT, las causas y los resultados. La investigación de campo se dio a través de entrevista con cinco mujeres negras que pasan o pasaron por la transición capilar, que aceptaron romper el silencio respecto a la estética capilar. En esta perspectiva, rompieron con el silencio, ofrecieron resistencia al sistema de opresión, buscaron conocer, aceptaron su manera de ser y, en consecuencia, valoraron el hecho de ser negra, la pertenencia racial. Se percibe que están ocurriendo movimientos de mujeres negras, incentivándose unas a otras, para que ellas sean lo que ellas quieren ser, sin considerar el patrón de belleza impuesto, sin opresión. Destacamos la búsqueda del conocimiento del propio cuerpo y del cabello y la valorización de sus características raciales como forma de superación.

**Palabras-clave:** Mujer Negra; Identidad Negra; Valorización del Pelo Afro.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Professor Mestre assistente da Universidade do Estado de Mato Grosso. Email: lori@hotmail



## Introdução

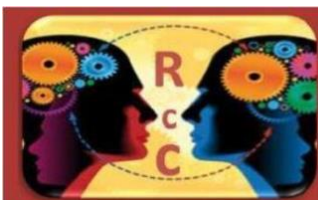
Em revistas, jornais, propagandas, entre outros, as mulheres brasileiras são vistas pelos/as estrangeiros/as como uma das marcas do Brasil. Segundo a fala de alguns nas mídias, e os/as próprios/as brasileiros/as sentem orgulho de dizer, mulher brasileira “toda boa”, por seu corpo de “violão” e bumbum avantajado. Mas por trás de todas essas falas, percebemos o quanto o Brasil é um país machista.

Uma vez que a mulher é tida como sexo frágil e “produto para o mercado consumidor”, principalmente, as mulheres negras, são inferiorizadas por um sistema machista, que utiliza desses e de outros argumentos para praticar o racismo e a discriminação, resultando na desigualdade racial. Elas são rotuladas como de “raça inferior”, pela cor da pele, por ter o cabelo crespo e pela classe social. Mas, essa não é uma verdade absoluta, por esse motivo, buscamos investigar quem realmente é a mulher negra na sociedade de Juara/MT, que diante de uma sociedade preconceituosa, num país preconceituoso, que diz não ter racismo, mas que, todos os dias o racismo mata mulheres negras.

Não é fácil a mulher negra aceitar-se como é assumir-se é algo complicado e se torna mais difícil para quem sofre desde a infância com preconceitos, racismo, com olhares de indiferença, em todos os lugares, em suas casas, nas escolas e em outras instituições. Produzem estereótipos sobre o padrão da mulher bonita e ainda dizem que os cabelos são o cartão postal da mulher, quanto maior e liso possível, mais belo o mesmo será. Esses argumentos discriminatórios são recorrentes aos grupos sociais.

A mulher negra vive por condicionamentos impostos pela hierarquia da beleza, meninas crescem sem saber quem são na sociedade. Pessoas negras dizendo serem brancas. Existem diversas explicações para essas pessoas negarem sua identidade. E até mesmo o fato de serem racistas. As pessoas negras também reproduzem o racismo, pois aprendem isso na convivência e também para serem mais aceitas pela sociedade, pois quanto mais próximos dos brancos se parecerem, mais serão aceitos.

Diante deste tipo de problemas vistos, diariamente, procuramos saber o que levou as mulheres negras a passarem pela transição capilar, tanto a de voltar aos cabelos naturais, quanto a da utilização de químicas para modificá-los, e também, como ocorre esse processo de reconhecimento e de aceitação de sua negritude, da estética capilar, cor e descendência.



Pois, toda pessoa tem uma história, algumas chegam à valorização da sua identidade, e outras, à negação. Essas questões dependem do meio em que se vive.

Neste sentido, o objetivo desse trabalho é compreender como foi o processo de transição capilar de mulheres negras do município de Juara/MT, uma vez que a escolha de passar por um processo de transição capilar, passa por questões culturais, sociais e psicológicas.

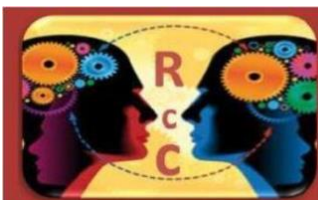
Fizemos uso da pesquisa qualitativa, pois a mesma busca descrever os fatos ocorridos na sociedade, nos grupos sociais e a relação entre eles, baseando-nos, principalmente, em Giacomini (1988), Gomes (2002) e Bento (2002). Na pesquisa de campo, fizemos entrevista com cinco mulheres negras que passaram pela transição capilar ou estão passando, com o fenótipo de ascendência afro-brasileira, cabelo cacheado ou crespo, mesmo tendo química, boca avantajada e nariz achatado. Assis (2009, p. 29), define a entrevista como a “conversação com a finalidade de obter determinadas informações”. E que “possibilita a coleta de dados subjetivos, além de ampliar as possibilidades de compreensão da realidade”.

Para preservarmos a identidade das entrevistadas, utilizamos nomes fictícios para cada uma delas, procuramos por nomes de mulheres negras que marcaram as trajetórias do Brasil de alguma forma, para a primeira entrevistada demos o nome de Luciana Lealdina de Araújo. A segunda ficou com o nome de uma das principais dama da dramaturgia brasileira, Ruth de Souza. A terceira entrevistada foi chamada de Aizita Nascimento. E para a quarta entrevistada escolhemos Zezé Mota, atriz e cantora conhecida como “Pérola Negra” ou “Negra Gata”.

## **História da Mulher Negra: lutas e resistências**

Num país em que os reflexos patriarcais e machistas são visíveis em atos que acontecem cotidianamente e, que a sociedade em si, nega a existência dos mesmos, mulheres vivem sendo violentadas, sofrendo todos os tipos de abusos e, até mesmo, sendo mortas. Muitas, temendo por suas vidas e convivendo com medo, silenciam-se, fazendo com que as estatísticas cresçam cada vez mais.

É importante salientar que o número de mulheres negras vítimas de homicídios é extremamente alarmante, uma vez que a violência se perpetua, fazendo parte da cultura da



sociedade brasileira, tendo resultados negativos para a sociedade e, principalmente, para a mulher negra, que é a maior vítima.

Para melhor entender o porquê a sociedade age com naturalidade e silencia suas memórias diante dos fatos ocorridos no passado, que reflete nas ações das pessoas e no modo de pensar das mesmas, faremos uma breve contextualização sobre a vida das mulheres negras no período colonial do Brasil, após a chegada dos navios negreiros.

Conforme Eltis (2016), os/as negros/as foram trazidos/as para o Brasil por meio de navios negreiros da África, para serem escravizados por senhores de fazendas no ciclo da cana de açúcar na Bahia. Não tendo um consenso entre autores sobre a data precisa para o aportamento do primeiro navio negreiro a aportar no Brasil, pode-se dizer foi entre o 1535 e 1542.

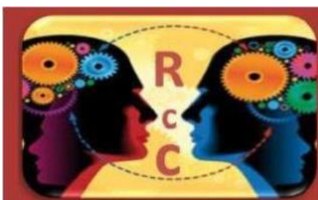
Desde então, passou-se a utilizar a mão de obra humana negra como produto para o mercado de trabalho, os homens na lida dos campos, em outros serviços aos quais eram designados e as mulheres nas casas grandes, servindo às “senhoras” e aos seus “senhores”, que por sua vez, tinham posse sobre seus/as escravos/as, com os quais ‘podiam fazer o que bem entendessem’, vender, emprestar, açoitar, violentar, entre outros.

A imposição da cultura portuguesa era clara, além da superioridade da cor, a superioridade de ser do sexo masculino. O que acontecia e ainda acontece é a chamada aculturação, quando uma cultura se impõe e destrói a outra cultura, por se considerar superior à outra. Passos (2010, p. 25), salienta que:

Cultura não é, jamais, uma coisa exterior a nós, mas é aquilo que queremos para nós, e que negociamos com o grupo humano com o qual convivemos e que nos deu origem. É o nosso lugar e jeito de ser e de estar no mundo com os outros e outras. É morada, é abrigo. É o que nos ex-põe, tira nossa intimidade para fora de nós, para um território público. A cultura é como um espelho projeta para nós mesmos nossa imagem do exterior de nós para nós, e para os outros.

Tanto os/as indígenas que já residiam no Brasil, quanto os/as negros/as trazidos para o Brasil sofreram com a aculturação das suas culturas. Proibidos de se comunicarem na língua materna, de desenvolver e praticar os costumes, as crenças, de dar continuidade à cultura de seus ancestrais, pois foram obrigados/as a viverem em uma cultura que os dividia em compartimentos, raça superior e inferior, num sistema opressor que os/as oprimia.

A aculturação pode ser passiva, entre contato social de pessoas diferentes, famílias, grupos sociais que vão se reconstruindo naturalmente, ou pode ser imposta. Neste sentido,



Rodrigues (s/d.) conceitua a aculturação como um “processo de troca entre culturas diferentes a partir de sua convivência, de forma que a cultura de um sofre ou exerce influência sobre a construção cultural do outro”.

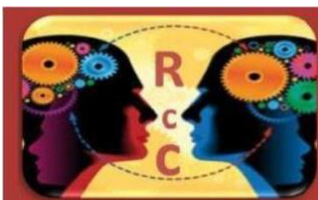
De acordo com Giacomini (1988), a mulher negra no período escravista do Brasil sofria várias violações, a de servir de produto como amas de leite, serviços domésticos e que sofreu abusos sexuais de seus “senhores”. Para compensar tudo isso, as “senhoras”, por vingança, ciúmes ou maldade, as castigava, muitas arrancavam os dentes, principalmente, quando ao olhar delas, a escrava era bonita. As relações entre senhor-escravo e senhora-escrava se realizavam de maneira a exercer e mostrar a força e o poder sobre os/as mesmos/as. Neste sentido, Giacomini (1988, p. 87-88. Grifo da autora), diz:

Pois a negra é coisa, pau para toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque além de escrava é mulher. Evidentemente, essa maneira de viver a chamada ‘condição feminina’ não se dá fora da condição de classe [...] e mesmo de cor.

Observa-se que a mulher era oprimida pelo condicionamento e a hierarquia machista que vivera, construída com o propósito de fazê-las submissas aos seus senhores/as e/ou ao esposo. Gaffo (2012) salienta que a mulher sempre foi condicionada à vontade masculina, servindo aos desejos e imposições, seja branca ou negra. Neste ponto, encontramos uma semelhança que ultrapassa a cor da pele. De maneiras distintas, a mulher ocupava a posição “inferior”. Para a mulher negra, isso ocorreu, principalmente, depois de trazida para a América, pois em sua terra natal, a África, vários grupos étnicos eram matriarcais.

Por mais que houvesse tal semelhança em relação à inferioridade de gênero, para a mulher negra a situação era mais difícil, pois além de ser mulher e negra, pairava sobre elas a escravidão. Escravidão essa que se distinguia até mesmo da escravidão masculina. Os sofrimentos de ser escrava pareciam com a dos escravos, porém, se percebe que a diferença, lendo Giacomini (1988, p. 65), quando diz que a “apropriação do conjunto das potencialidades dos escravos pelos senhores compreende, no caso da escrava, a exploração sexual de seu corpo que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão”.

Entre tantos fatos ocorridos em nosso passado, foram citados somente alguns momentos sobre a vida sofrida e inferiorizada em estereótipos condicionados à mulher negra e escrava, uma vez que o patriarcalismo e o machismo vêm sendo reproduzidos em nosso dia a dia a



dia, resultando em mulheres com baixa autoestima, não aceitando a sua ancestralidade, e assim, desvalorizando-se, nos aspectos internos e externos, sofrendo as consequências.

## **Teoria do branqueamento, um problema das políticas públicas, meu e seu**

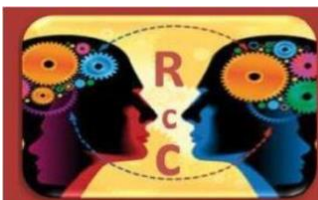
As teses/teorias eugenistas surgiram, possivelmente, entre os séculos XIX e XX, em várias partes do planeta terra. Essa tese disseminava um padrão superior às demais civilizações. De acordo com Lima (2002), essa teoria defendia que as pessoas brancas europeias eram dotadas de uma “raça” pura, cuja inteligência, saúde e outros quesitos eram mais elevados das demais “raças” e queriam provar que todos esses aspectos e individualidades das pessoas europeias brancas eram passadas de geração em geração, através de sua genética.

Os estudiosos dessa época acreditavam de tal forma na eugenia, que na visão deles, os povos negros, mesmo que estudassem e tivessem uma vida como de uma pessoa branca, não se desenvolveriam como elas.

Essa tese também chegou ao Brasil e dela se originou a tese ou teoria do branqueamento, esses movimentos tiveram o objetivo de europeizar a população brasileira, que por sua vez, tinha como maioria, pessoas negras trazidas da África, indígenas e imigrantes de outras origens. A insatisfação da elite brasileira era visível, pois a imagem que os europeus tinham sobre as demais “raças” era de repulsa e de inferioridade, percebe-se que ao olhar deles, os outros povos não eram pessoas humanas, seres pensantes.

O que tentaram fazer foi a colonização do pensamento nas pessoas negras, de inferiorizarem, massacrar com atitudes e palavras desrespeitosas para com a imagem, física e psicológica. Fundamentados na teoria do branqueamento, justificavam as ações para branquear, não só a cor, mas a mente, e assim, propagando o racismo e a discriminação, afetando a autoestima dessas pessoas e criando outros estereótipos.

Para Bento (2002, p. 12) “representar o outro como arauto do mal serviu de pretexto para ações racistas em diferentes partes do mundo. A agressividade pôde ser dirigida contra esse inimigo comum (a outra raça), sentida como ameaça, ainda que na maioria dos lugares ela não tivesse nenhum poder”.



Mesmo após a abolição da escravatura no Brasil, os escravos e escravas serem livres, eram excluídos/as, desrespeitados/as, humilhados/as por um sistema que defendia seus interesses, sendo desumanos e passando em cima de qualquer pessoa, justificados pela teoria do branqueamento.

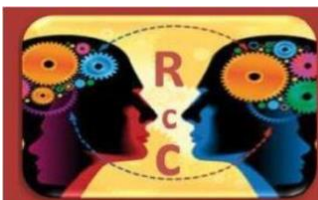
Bento (2002) diz que os europeus tinham um medo paranoico de encontrar no seu subconsciente, semelhanças com as pessoas negras, e assim, justificavam e legitimavam o racismo. E, que a partir do medo, medo esse de o país ser comandado por negros, de um país ser constituído por pessoas não brancas, que o ideal do branqueamento foi crescendo.

A alternativa que os “bens nascidos” tiveram, foi a miscigenação da população brasileira, que era vista para os outros países como um país atrasado pela quantidade de negros/as que havia no mesmo e estaria condenada sempre ao atraso se permanecessem habitantes com a maioria não brancas. Para Bento (2002, p. 7):

Esse medo do negro que compunha o contingente populacional majoritário no país gerou uma política de imigração europeia por parte do Estado brasileiro, cuja consequência foi trazer para o Brasil 3,99 milhões de imigrantes europeus, em trinta anos, um número equivalente ao de africanos (4 milhões) que haviam sido trazidos ao longo de três séculos.

Essa teoria de miscigenar a população brasileira foi um projeto para solucionar o “problema” da “população” brasileira, cujo caminho era a miscigenação, convictos de que haveria uma purificação do sangue “branco”. Desta forma, as pessoas teriam uma formação física com as características mais próximas da europeia a cada nova geração e, que gradativamente, teriam um povo mais homogêneo, europeu e civilizado, projetando assim, o branqueamento nos povos de origem africana. De acordo com Oliveira (2008, p. 8), o branqueamento “projeta uma nação branca que, através do processo de miscigenação, irá arrancar o negro da nação brasileira, supondo-se, assim, que a opressão racial acabaria com a raça negra pelo processo de branqueamento”.

Essa teoria culminou não somente em clarear a pele e o intelecto das pessoas não brancas, mas em uma tentativa de genocídio, da exterminação de uma “raça”, da negritude que residia no país, que por sua vez, se sentia a pior raça, com sua autoestima abalada, excluídos, sem acesso às escolas, a uma moradia digna, à saúde, ao direito simples que toda pessoa humana precisa para sobreviver e, o principal, caracterizava a perda de sua identidade.



A imposição do branqueamento não trouxe perdas apenas externas, mas internas, a ponto de pessoas negras se olharem no espelho e não se encontrarem, não se identificarem, perdendo assim, a identidade de sua ancestralidade e de sua história. Talvez, o pardeamento em massa, que ainda acontece nos dias atuais, seja por conta da cultura brasileira, que é racista e discriminadora, mas, essa realidade é mascarada, refletindo nas pessoas negras, que por sua vez têm medo de se encontrar. Neste sentido, Domingues (2002, p. 581), salienta que o “negro não se sentia mais africano e sim ‘latino’ ou ‘ocidental’. A negação da ancestralidade africana deve ser entendida como um mecanismo simbólico de fuga étnica”.

Fuga esta, pode-se dizer, do sofrimento, das perseguições e de si mesmo/a, muitas vezes. O Brasil só vai deixar de ser racista quando as pessoas olharem para dentro de si, e refletirem sobre suas ações, de modo a desconstruir certos conceitos para dar abertura a se conhecerem e conhecer aqueles/as que estão ao seu lado.

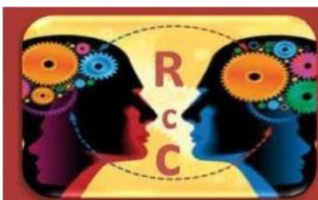
## **Corpo e Cabelo: construção da identidade**

Desde a infância, muitas mulheres cresceram ouvindo o termo “seu cabelo é ruim” e várias acreditaram que realmente seus cabelos eram ruins, e essa ideia foi se fortalecendo com as mídias, através das bonecas, propagandas, novelas e dos desenhos de princesas, onde o perfil sempre era o mesmo, mulher branca de cabelos lisos e loiros. De acordo com Ibase (2008, p. 13):

Não é à toa, você já deve ter percebido, por exemplo, que os (as) protagonistas de novelas e comerciais são quase sempre mulheres e homens brancos (as), enquanto os papéis reservados às negras e negros costumam ser de menor importância. É preciso muita mudança para que a vergonha que muitos (as) sentem vire orgulho e impulsione transformações sociais concretas. Precisamos valorizar a cultura negra, resgatando a autoestima de seus (suas) descendentes.

A falta da imagem da mulher negra em rótulos de produtos para cabelo cacheado, nas publicidades, é um dos fatores para o interesse das mulheres negras em procurar produtos para cabelos lisos. A imprensa de um modo geral convence seus telespectadores de uma verdade que o grande empresário quer passar, pois quer vender seu produto, não só nas propagandas,





mas em novelas também, quando lançam um produto, quem usa é, invariavelmente, uma atriz branca, quando lançam uma moda, quem a mostra por primeiro, é uma atriz branca.

As pessoas são estimuladas a andar sempre na moda, usar tais produtos. E a pessoa negra, não tem em quem se espelhar afirmativamente com outras pessoas afro, mas são “obrigadas” a se espelharem em pessoas brancas. A pessoa negra, quando é mostrada, sempre está do lado negativo, o pobre, a pessoa feia que não utiliza o produto ao lado da pessoa branca que utiliza e está sempre bonita, na moda. Buitoni (1986, p. 78) salienta que “A imprensa feminina não mostra a negra, a índia, a japonesa; não mostra a pobre nem a velha - apresenta como ideal a mulher branca, classe média para cima e jovem”.

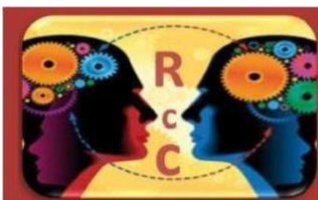
A sociedade reproduz o desrespeito para com a outra pessoa, todos os dias, fazendo com que mulheres negras, de cabelos cacheados e crespos, sejam oprimidas diariamente. Mascaram sua identidade na tentativa de enquadrá-la em um padrão que não respeita as diversidades culturais, étnicas e raciais.

Os termos que são apresentados às pessoas são de relevância para a construção da identidade e sua autovalorização, pois se pararmos para pensar no termo “ruim” encontraremos várias definições, como, o contrário de bom é ruim. Neste sentido, Malachias (2007, p. 37) salienta que “O bem é virtude. O mal é defeito. Ser bom também remete a valores como honestidade, justiça, solidariedade, enquanto ser ruim (ser mau) provoca aversão, medo, repulsa dor e insatisfação”.

Diante de tantas opressões e de estereótipos que são construídos desfigurando a imagem, a estética e o reconhecimento das pessoas negras brasileiras, a identidade e, principalmente, as mulheres, são as mais prejudicadas em todos os sentidos.

As pessoas têm consigo uma verdade que para elas é absoluta, como a beleza da mulher brasileira, fazendo parte desse padrão à estética capilar. Uma vez que a mulher não se reconhece com seus ascendentes de identidade negra, procura se camuflar para não sofrer rejeições, e, neste sentido, muitas mulheres negras tentam, ao máximo, esconder suas raízes, em aspectos físicos de afro-brasileiras e escondem como podem para se inserir no padrão de beleza imposto pela sociedade.

O problema não está em mudar o visual, alisar os cabelos ou cacheá-los, mas sim, o porquê de querer se transformar, a estética faz parte da identidade de cada pessoa, esse



aspecto é tão importante quanto saber a história de seus ascendentes. De acordo com Gomes, 2003, p. 8),

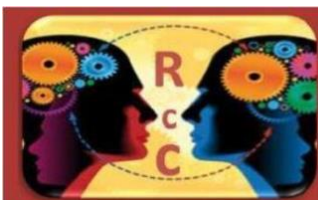
O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas[...]. É um dos elementos mais visíveis e destacados do rosto. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário.

Os estigmas apresentados sobre a estética da mulher negra e sobre o cabelo são sempre negativos, no entanto, muitas são inseguras, não porque são frágeis, mas pelo desrespeito sofrido ao longo de suas vidas, com atos nas entrelinhas, que se manifestam e se justificam como brincadeiras, apelidos, tratamento diferenciado em lugares públicos e privados e vários outros que são utilizados para oprimir e inferiorizar a outra pessoa, que não faz parte do grupo dominante.

E mesmo que não faça alisamento capilar, muitas mulheres negam a sua descendência, deixando o cabelo sempre preso, com tranças ou coques. A sociedade oprime as mulheres negras com desejos e imposições que não fazem bem a elas, entretanto, elas acatam negar-se em prol do outro e tentarem ser aceitas na sociedade.

No livro cabelo bom e cabelo ruim de Malachias (2007, p. 11), fala que “[...] em anos de sofrimento desenvolvi algumas estratégias. Prendi o cabelo bem apertado e depois que saí da piscina passei bastante gel para abaixar a juba”. Por meio dessa citação, percebe-se a existência da autonegação, mas podemos compreender que, num sistema classificatório, que não existe o respeito às diversidades, é compreensivo a negação dessas mulheres, que muitas vezes, desde a sua infância, sofrem com o racismo e a discriminação racial.

As pessoas não buscam conhecer aquilo que é “ruim, mau”, pelo contrário, todos querem estar ao lado da história que ganha, que é boa. A identidade é construída ao longo do tempo, vejamos o que diz Malachias (2007, p. 27) a respeito dos elementos que formam a identidade, “[...] o racismo é, e tem sido historicamente exercido pelos poderes públicos, econômico, físico (repressivo) e psicológico, inculcando valores, estereótipos contrários aos grupos considerados ‘inferiores’”. É compreensivo a negação quando a sua autoimagem é descrita negativamente, pejorativamente. É necessária uma mudança de valores, quebrar os padrões de beleza, grupo superior e grupo inferior. Ter resistência, pois esses grupos se



fortalecem porque muitas pessoas acreditam que de fato eles são os melhores, quando na verdade não existe melhor e pior.

É preciso empoderar-se para iniciar um processo de tomada de consciência, para enfrentar as correntes contrárias e lutar contra o racismo, o preconceito, construindo uma identidade, a que pulsa no interior de cada mulher, resignar-se ao seu eu.

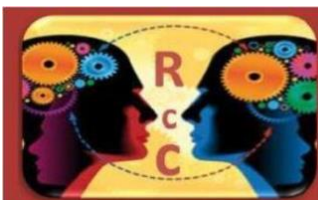
### **Ser negra para o tornar-se negra**

A construção do ‘eu negra na sociedade’ vem se superando no decorrer dos processos históricos, sociais, culturais e políticos. Diante dessas mudanças investigamos como foi esse processo de construção da identidade negra, uma vez que é preciso ter resistência contra as correntes contrárias de uma sociedade que faz de tudo para que o/a outro/a negue sua identidade em prol de uma cultura racista e preconceituosa.

Neste sentido, fizemos várias indagações para as entrevistadas, iniciamos com uma pergunta aberta para saber em que sentido nos levaria a conversar, com qual cor elas se declaram perante a sociedade, Luciana Lealdina se diz negra, Zezé Mota se considera negra, Aizita se diz parda e Ruth de Souza se considera negra, apesar de seu registro de nascimento declará-la como parda. Na visão dela: *“Acho assim, que conforme eu fui crescendo, eu fui escurecendo”*.

Talvez o que tenha acontecido com Ruth, que foi se percebendo conforme foi crescendo, a fase da infância é uma fase em que ela inicia suas percepções, o reconhecimento como pessoa e percebendo-se como grupo, por meio das semelhanças, cor da pele e de traços biológicos, gerando a construção de sua identidade e a valorização da mesma. Para Berger e Luckmann (1976, p. 230) “a identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre o indivíduo e a sociedade”. Então, eu disse a ela que *‘Hoje em dia já não tem mais certidão de nascimento com a cor. Por que é a gente que se autodeclara agora’*. Ela também balbuciou que: *‘É a gente que se autodeclara!’*.

Todas as entrevistadas se autodefiniram sem divergências ou dúvidas, em tempos que negar a sua identidade é mais fácil, mas com uma simples pergunta, vemos que a mulher, em especial, a negra, está à procura constante do seu “eu”. Ousamos dizer que essa é a primeira



fase da construção da identidade negra, deixando de negar algo que é simples para algumas e difícil para outras, declarar-se como negra, parda ou branca. Fizemos uma pergunta fechada para Luciana: *‘Você sempre se declarou negra?’*, ela responde que sim, então indaguei se era desde de sua infância que já tinha essa concepção do ser negra. Então ela responde que:

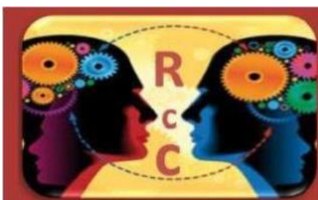
Desde de criança, sempre soube que eu era negra, em relação a isso, eu nunca tive problema, a não ser, por exemplo, não que eu tenha preconceito da minha cor, mas na minha concepção, a minha cor não se encaixa em tudo. Por exemplo, eu não uso determinada cor de roupa, porque creio eu, não destaca na minha pele. Eu não uso determinado batom, porque na minha concepção, para mim, eu negra não daria certo, não ornaria digamos assim né.

A identidade negra vai além do ser negra, pois podemos ver que a entrevistada sabe que é negra, mas saber a sua cor não significa fazer parte de um grupo, se sentir pertencente a ele e mais, ter a identidade referente ao mesmo. Por esse motivo a construção da identidade não se constitui em um período de tempo, mas gradativamente, pois ela se faz por meio da interação com as outras pessoas, com a cultura, grupos e a relação que se tem com o outro. Gomes (2003) salienta que construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, ensina desde cedo que a pessoa negra para ser aceita na sociedade é preciso negar-se a si mesma. Esse é o desafio enfrentado por várias mulheres negras.

Nessa perspectiva, vimos que as pessoas negras foram incumbidas a ter atitudes de pessoas brancas, mesmo sendo negras, o fato da entrevistada não achar que certas cores de roupas ou a cor de batom não combina com ela pelo fato de ser negra, mostra que a cultura da imposição está presente em muitas pessoas, a entrevistada tem seus traços físicos como nariz achatado e boca grande, mostra sua descendência afro-brasileira. O fato de não combinar com qualquer cor de batom pode ser pela proporção de seus lábios.

Luciana diz que as amigas falam para ela que ela não se aceitou como negra ainda, mas ela diz que *“não dá pra ser tudo, pra fazer tudo, não dá pra usar tudo. Então, eu não tive problema com cor não”*. [Tensão em suas expressões facial].

É necessário refletir sobre o que é bom ou ruim para si mesma, ter o conhecimento de que as pessoas podem usar aquilo que elas querem e se sentem bem consigo mesmas e não para satisfazer o outro. Ainda sofremos com a desconstrução da identidade negra no Brasil desde o período colonial. A luta é grande, as imposições, muitas vezes, aparecem sem que as pessoas percebam e não refletem sobre suas atitudes e escolhas. Os rótulos estão em tudo e



em todos/as, é preciso tornar-se negra constituindo-se como realidade, sendo percebida na sociedade. Neste sentido, Souza (1983, p. 77) ressalta que:

Ser negro/a<sup>3</sup> no Brasil é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o/a aprisiona numa imagem alienada, na qual não se reconhece. Ser negro/a deve ser tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro/a não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro/a é tornar-se negro/a. [grifo nosso]

O posicionamento e o conhecimento de si mesmas são coisas importantes e que necessita que sejam levadas em conta, podemos dizer que a construção da identidade é algo doloroso para quem está se redescobrimdo, é preciso fazer reflexões diárias sobre “quem eu sou” ou “será que essa atitude está fazendo bem para mim ou somente para o outro”, muitas atitudes estão incutidas e precisam ser repensadas.

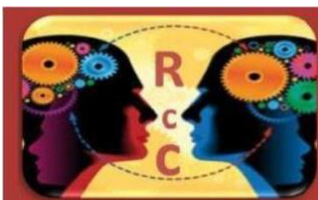
### **Quebrando o silêncio: Depoimento de mulheres negras**

A mulher está sujeita a atos de preconceito no Brasil, uma vez que a mulher é inferiorizada pela questão do gênero. A mulher negra além dessa questão recai sobre ela o padrão de beleza, que para muitos ainda, a mulher negra não está entre as mais belas, sobretudo, a sua estética capilar. Muitas mulheres são ensinadas pela cultura machista, patriarcal e racista, que ela precisa estar dentro de uma caixinha construída por esse grupo tido como “belo” para ser tida como bela e ser “aceita” na sociedade. Por esse motivo, a relevância de partilhar os depoimentos das entrevistadas na questão do preconceito enfrentado por elas terem os cabelos cacheados ou crespos e por serem negras.

Algumas das entrevistadas relataram não ter sofrido preconceito, mas em seus depoimentos é visível atitudes preconceituosas para com elas por meio de “brincadeiras” indiretas. Podemos ver ainda que o problema de muitas mulheres negras não se aceitarem como são, ou saber qual é a sua cor, mas não se aceitarem é por indícios da aculturação. Ao

---

<sup>3</sup> A letra a foi acrescentada no sentido de viabilizar as mulheres negras, uma vez que a linguagem acadêmica da autora Neusa Santos Souza ainda estava masculina.



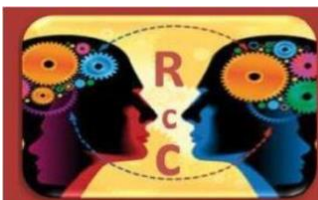
serem indagadas se já sofreram algum desrespeito, a maioria disse que não, mas os depoimentos das mesmas relatam o contrário. Luciana diz que não sofreu preconceito e ressalta que o pior desrespeito foi ela mesma a causadora. Segundo ela:

Eu não me aceitava do jeito que eu era, eu não era feliz com o meu cabelo, meu cabelo me incomodava, mas graças a Deus, nem na escola, com as amiguinhas eu nunca tive esse problema de falarem do meu cabelo. A não ser minha família que ficava sempre [pensando] mandava amarrar o cabelo, mas eles nunca falaram que o cabelo era feio, mas, automaticamente se está mandando amarrar é por que já... né... [a entrevistada fica em silêncio] não era bonito! Que todo mundo que tinha cabelo liso era solto, porque cabelo afro tinha que estar amarrado, então que... [pequena pausa] mas, assim, chegar em mim e falar ou me xingar, falar do meu cabelo, não. Era eu mesma que não aceitava o meu cabelo. Era alguma coisa interior a mim, né.

Podemos perceber que o preconceito não era explícito, pois, a entrevistada dizia não ver, mas acontecia, mesmo que de maneira indireta e, o mais triste, é que além de Luciana não perceber que aquilo estava fazendo mal a ela, todas essas palavras negativas, fizeram com que ela se sentisse culpada por não ter o cabelo liso, por não se encaixar no padrão de “beleza” e ter o pensamento de ela ser preconceituosa consigo mesma. Ela sentia a hostilidade das pessoas ao se referirem ao seu cabelo, isso fez com que ela não se aceitasse com o cabelo natural. Ela internalizou que o cabelo bonito e ideal é o liso, tendo uma visão que todos os cabelos não lisos, em sua perspectiva, são feios. Segundo Malachias (2007, p. 27) “esses estereótipos são, em parte, incorporados ao imaginário social e compõem o senso comum das pessoas, que passam a acreditar na falsa ‘superioridade’ da raça branca (europeia) sobre as demais raças humanas”.

Todas as pessoas querem ter uma boa aparência, ninguém quer ter algo em seu corpo que é feio, o cabelo é um dos aspectos físicos que mais chamam a atenção das pessoas e o que percebemos pelas entrevistas, que para a mulher, é o símbolo de feminilidade, símbolo de suas identidades.

No caso de Ruth, o preconceito aparece da mesma maneira, mascarado em apelidos pejorativos e ofensivos, para que no momento da fala preconceituosa não apareça o preconceito explícito, mesmo aparentando serem palavras carinhosas e até meigas ao se referir ao cabelo de Ruth como “tonhónhoi”, há uma desvalorização e rejeição da mesma. Ruth diz que:



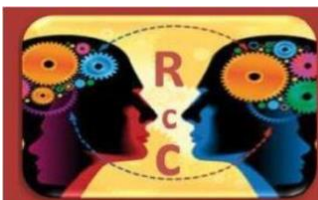
As pessoas nunca chegaram e disseram assim, nossa, seu cabelo é feio, sempre as pessoas elogiam, não, estão bonitos os cachos. Só que daí o que aconteceu, a cabelereira que eu fazia alisamento falava bem assim do meu cabelo: “*aí sua raiz tá crescendo né, tá ficando tonhónhoi*. Tipo assim, dava para entender que ela não gostava de cabelo cacheado, entendeu. Tá, que tonhónhoi não é um apelido feio, mas eu acho assim, que ela deveria usar os termos certos, né, falar cabelos cacheados, seu cabelo já cresceu a raiz cacheado. Não tá crescendo tonhónhoi já, entendeu. Dá pra entender o que? Cabelo duro. Ela trocou, no modo dela de dizer, que era ruim, igual as pessoas colocam apelido de ruim, então, pra não deixar você tão... [pausa] um apelido, digamos, que não seja tão ofensivo.

Zezé diz ter sofrido preconceito somente em sua infância, por outras crianças, que a chamavam de ‘cabelo pixaim’, ‘cabelo ruim’, ‘cabelo de Bombril’, diziam: “*oh! Me dá um pedacinho do seu cabelo aí, pra ariar a panela, que tá melhor do que Bombril*”, e, que esses fatos aconteceram quando era criança apenas.

O depoimento de Zezé reafirma os outros depoimentos, de como o preconceito e o racismo estão presentes em nosso dia a dia, de maneira mascarada, mas com intuítos de inferiorizar a outra pessoa, de desvalorizar, de machucar, de inibir, entre outros fatores que acontecem. Há uma diferença entre apelidos afetivos e apelidos pejorativos. De acordo com Silva (2007), o apelido afetivo é aquele criado para demonstrar afeto, carinho e ternura. E o apelido ofensivo, que é empregado com o propósito, quase sempre, de xingar, como demonstração de desprezo, desconsiderando a cultura que cristalizou a palavra e utilizando-a como quem atira uma pedra no outro, neste sentido, as palavras pesam, amedrontam, magoam e enraivecem.

Os depoimentos acima mostram o quanto as pessoas são preconceituosas, gerando a discriminação, em consequência ao racismo. Vê-se a falta de respeito para com as diversidades, em específico, a cor da pele e a estética capilar. Essas pessoas procuram descaracterizar a identidade do outro para gerar em si a satisfação, a superioridade. Malachias (2007, p. 33) salienta que: “a pessoa negra recebe tratamento diferenciado, sendo considerada inferior e passível de piadas”.

O preconceito existe porque sempre tem alguém que o pratica, pois quem o faz menospreza o outro, quer ser melhor que o outro, privilegiando algum grupo ou pessoas. A cor da pele, a estética capilar deveria ser um dos últimos elementos a serem considerados pelas pessoas, mas, o que percebemos, é que antes de uma pessoa ser mulher, para a sociedade ela é negra, ela tem traços dos/as escravos/as trazidos da África, não que isso seja ruim, mas é visto como ruim, ela tem o cabelo cacheado ou crespo. Que por mais que as



peças neguem, o Brasil é um país de diversidades, como diz Carvalho (2014, p. 302) “o/a brasileiro/a traz na pele e na alma a marca da miscigenação”, mesmo que a história não seja bonita para nós, negros/as, ela aconteceu.

## Considerações Finais

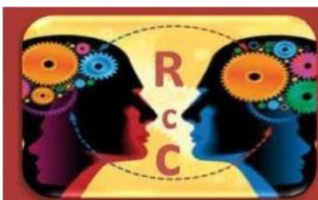
Percebemos que ao longo da história, a mulher brasileira sempre lutou por direitos que sempre lhe pertenceu, mostrando resistência, ainda que viva no Brasil, país com um governo extremamente patriarcal, machista e europeizado. Embora isso ainda aconteça, a mulher, em especial, a negra, ganhou forças através de movimentos de outras mulheres.

Mesmo em um período que as mulheres foram submetidas aos homens em vários aspectos, como da inteligência, da beleza e, sobretudo, a mulher negra estava/está sempre em última colocação, sendo sempre inferiorizada e vítima do desrespeito, do preconceito e do racismo, em um país que tem orgulho de dizer que não existe racismo e preconceito racial, a mulher sempre foi vista como um ser inferior, condicionada a ser abusada por “senhores” no tempo escravista, símbolo sexual, amas de leites, e ainda, sendo agredidas pelas esposas dos “senhores”. E mais, a sofrerem a dor do racismo no período em que se instalou o branqueamento no Brasil e que se perpetua até os dias atuais.

Consideramos por meio deste estudo, que muitas atitudes e palavras das pessoas são pronunciadas e feitas com a intenção de ferir e machucar as mulheres negras, bem como sua estética capilar, pois as brincadeiras, apelidos, muitas vezes, são pronunciadas para menosprezar e inferiorizar mulheres de ascendência africana, como “cabelo ruim”, “cabelo de Bombril”, “fua” entre outras palavras, mascarando o preconceito e o racismo incumbido nos grupos sociais e nas próprias famílias, com o intuito de desconstruir a identidade dessas mulheres. Ainda que não seja de forma proposital, essa é a consequência.

Entendemos que algumas entrevistadas além de serem oprimidas por pessoas próximas de seu convívio, como marido, pais, amigos/as e colegas, foram condicionadas pelo sistema opressor, ensinadas a desvalorizarem e não aceitarem as suas ascendências. Descaracterizando a sua imagem, para se parecer com o padrão de beleza das pessoas brancas. Em contrapartida,





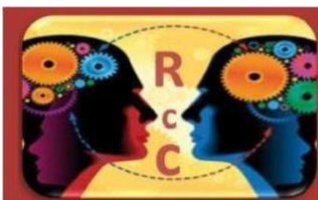
acontece a baixa autoestima delas por não se parecerem com o padrão do “belo”, e, ainda sofrerem com o desrespeito, impedindo-as de se aceitarem como são.

Por meio dos relatos das entrevistadas, ficou evidente que o cabelo da mulher é um símbolo de feminilidade e parte importante para que elas construam ou reconstruam uma identidade negra positiva. E, que, portanto, o mesmo exerce influências na autoestima, no reconhecimento, valorização e aceitação de si. Gomes (2002) salienta que a cor da pele e o cabelo são duplas relevantes para a construção da identidade, principalmente, o cabelo é uma marca da identidade, e, infelizmente, também uma marca de inferioridade.

Constatei por meio dos depoimentos das entrevistadas que, mesmo com desafios, as mulheres estão sendo incentivadas por outras mulheres negras, em vários ambientes a aceitar sua estética capilar reconhecendo a si mesmas. E, que a partir de incentivos, as mesmas estão buscando sair do comodismo dos cabelos lisos, da imposição do sistema opressor e estão se enfrentando para quebrar o padrão de beleza que foi imposto como o ideal para elas.

Consideramos importante a busca do conhecimento do próprio corpo e do cabelo do seu grupo racial. Isso é, sem dúvidas um meio para se aceitar e reconhecer-se como negra, é por meio do conhecimento que muitas “verdades” são desmascaradas. As pessoas sempre vão dizer que não são preconceituosas e racistas, mas as atitudes não condizem com as falas. Muitas vezes, as pessoas não percebem as agressões, mas elas acontecem.

O desrespeito só irá acabar quando as pessoas tiverem consciência de suas atitudes e não fechar os olhos para a opressão que fazem com pessoas que não fazem parte do seu grupo racial. Muitas mulheres não conseguem se libertar, não quebram o silêncio de seus sofrimentos, analisei que nos dias de hoje estão acontecendo vários movimentos para que as mulheres negras se libertem, por meio das mídias sociais, como whatsapp, youtube e blogs, mas, acredito que pode ser feito mais, a mulher negra brasileira precisa se espelhar e se inspirar em mulheres com fenótipos parecidos com os seus, ter mais representatividade em todos os ambientes, sair dos espaços de suas residências, sair do comodismo do padrão ideal de beleza e se reinventar. Gostar de si mesma, sem padrões, sem imposição, ser ela mesma. Alisar o cabelo ou não deve ser uma decisão da mulher, a escolha deve ser sempre dela. Pois, como dizem, a beleza está nos olhos de quem vê, entretanto, eu diria, que a beleza está no olhar de quem se olha no espelho.



## Referências

ASSIS, Maria Cristina. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquetude no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

CARVALHO, de Ossagô Ricardo. **A construção da Identidade brasileira a partir de Gilberto Freyre**. 2014 [revista online] disponível em: <[revistaeletrocada.purcs.br/ojs.index/php/oficiadohistoriador/article/viewfile/18973/12039](http://revistaeletrocada.purcs.br/ojs.index/php/oficiadohistoriador/article/viewfile/18973/12039)> acesso em 24 de outubro de 2018.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? **A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930**. Afro-Asiáticos, ano 24, nº 3, 2002.

ELTIS, David. **Primeiras viagens negreiras**. 22 jul 2016. [revista online]. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/primeiras-viagens-negreiras>> acesso 01 abril. 2018.

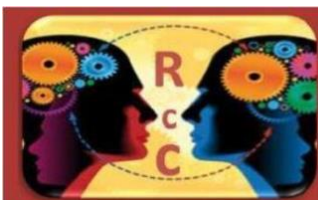
GAFFO, Bethânia. As mulheres no sistema patriarcal do Brasil do século XIX. In: **SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGHS, VI; SEMANA DE HISTÓRIA, XIII; ENCONTRO DAS ESPECIALIZAÇÕES EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, I – Memórias, Linguagens e Identidades**. Anais. Londrina, set. 2012. v. 3. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mesthis/Evento2012AnaisPosStrictoSenso.pdf>> acesso em 05 de novembro de 2018.

GIACOMINI Sonia, Maria. **Mulher e escrava, uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: USP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação, Identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo negro**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>> acesso em 17 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2003. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/corpo-e-cabelo-como-s%-C3%-ADmbolos-da-identidade-negra-pdf>> acesso em 03 de novembro de 2018



IBASE. **Cotas raciais, por que sim?** 3. ed. Rio de Janeiro: Ibase, 2008.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. **Normas sociais e racismo: Efeitos do Individualismo Meritocrático e do Igualitarismo na Infra Humanização dos Negros.** 2002. Disponível em <<https://www.marcusseugenio.wordpress.com>> acesso em 15 de abril de 2018.

MALACHIAS, Rosangela. **Cabelo bom, cabelo ruim.** 1. ed. São Paulo: Ministério da Educação, 2007.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. **A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira.** 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-8.pdf>> acesso em 29 de abril de 2018.

PASSOS, Augusto Luiz. **O EU E O OUTRO NA ESCOLA: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola.** Cuiabá: EdUFMT, 2010.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Aculturação.** Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/aculturacao.htm>> acesso 01 abril. 2018.

SILVA, Luiz. **Coleção percepção da diferença, negros e brancos na escola/Moreninho, pretinho e neguinho.** Vol 3. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.